

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA A DISTÂNCIA

LÍGIA RAQUEL SANTOS FERNANDES SILVA

**CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE: COMO ESSE TEMA FOI
TRABALHADO NO MEU PROCESSO FORMATIVO?**

UBERABA – MG
2021

LÍGIA RAQUEL SANTOS FERNANDES SILVA

**CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE: COMO ESSE TEMA FOI
TRABALHADO NO MEU PROCESSO FORMATIVO?**

Trabalho de conclusão, apresentado à Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para conclusão do curso de pedagogia.

Polo: Votuporanga

Orientadora: Prof. Dra. Elenita Pinheiro de Queiroz Silva

UBERABA – MG

2021

LÍGIA RAQUEL SANTOS FERNANDES SILVA

**CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE: COMO ESSE TEMA FOI
TRABALHADO NO MEU PROCESSO FORMATIVO?**

Trabalho de conclusão, apresentado à
Universidade Federal de Uberlândia, como
requisito parcial para conclusão do curso de
pedagogia.

Uberaba, 19 de junho de 2021.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer a Deus por ter me presenteado com a oportunidade de começar e estar finalizando o curso de pedagogia.

A minha saudosa mãe que teve um papel fundamental no meu processo de desenvolvimento.

A minhas irmãs e a meu pai que desde o início me incentivaram e ficaram felizes com minhas conquistas.

A meu marido que foi e é o meu maior incentivador e a meus filhos que também me ajudaram muito nesse meu processo de crescimento.

A minha orientadora professora Dr. Elenita Pinheiro de Queiroz Silva que com toda paciência e humildade me auxiliou e orientou nesse processo de formação.

A todos os professores que compartilharam seus saberes, ajudando em meu crescimento e a todos os colegas que me acompanharam nessa jornada.

RESUMO

Este trabalho trata-se de um relato sobre a trajetória da minha vida, a partir da qual apresento as minhas memórias sobre corpo, gênero e sexualidade no entrelaçamento com a minha formação acadêmica e profissional. Estes temas, particularmente a sexualidade, era proibido em casa e na escola e visto como um assunto desrespeitoso, principalmente na infância e na adolescência. Não havia liberdade para conversar sobre o tema em família, dessa forma cresci e me vi como uma pessoa com muita dificuldade para a abordagem do mesmo. Foi a experiência com a maternidade e de conhecimentos adquiridos ao longo da minha vida adulta que pude refletir sobre mim sobre mim, sobre o meu jeito de ser, de ver e de tratar desse tema. Tais conhecimentos e experiências me fizeram outra pessoa, e, agora, entendo que tratar da sexualidade, do corpo e do gênero é uma questão fundamental para a formação do sujeito e para a formação escolar.

Palavras-chaves: sexualidade, família, conservadorismo, escola.

ABSTRACT

This work is an account of the trajectory of my life, from which I present my memories of the body, gender and sexuality intertwined with my academic and professional training. These themes, particularly sexuality, were prohibited and seen as a disrespectful subject, especially in childhood and adolescence. There was no freedom to talk about the topic as a family, so I grew up and saw myself as a person with a lot of difficulty in dealing with it. It was the experience with motherhood and the knowledge acquired throughout my adult life that I was able to reflect on myself, on my way of being, seeing and dealing with this topic. Such knowledge and experiences made me another person, and now I understand that dealing with sexuality, the body and gender is a fundamental issue for the formation of the subject.

Keywords: sexuality, family, conservatism and school.

SUMÁRIO

Introdução.....	8
2. Memórias e trajetória de vida pessoal, educação e profissional.....	9
2.1 Família.....	9
2.1.1 Escola.....	10
2.1.2 Vida profissional.....	12
2.1.3 Curso de pedagogia EaD.....	14
2.2 Diversidade de gênero e sexualidade no ambiente escolar.....	15
Considerações finais.....	16
Referencias.....	18

Introdução

Com o conhecimento o ser humano atua na sociedade, utilizando os recursos disponíveis e com suas habilidades transforma esses recursos em ferramentas que serão úteis a vida em comunidade, a vida na relação com o outro. Dessa interação surgem conhecimentos e experiências que serão passadas de geração em geração, por meio da educação e da cultura.

A curiosidade do ser humano o impulsionam a sempre ir mais além, buscar por novos conhecimentos, não se satisfazer com o que já está dado e assim continuar na buscar por novas descobertas, novas experiências que contribuirão para a construção de saberes e a construção de si. A forma como a história da minha vida me trouxe até esse momento (finalização de um Curso Superior em uma universidade pública), como os desdobramentos dessa história, ao longo do tempo, me permitiram chegar aonde cheguei é algo muito surpreendente para mim.

Estar, na iminência de concluir minha graduação em nível superior, num curso de Pedagogia da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) é uma conquista muito gratificante. Cada desafio vencido, ao longo da minha jornada como cidadã, num país com tanta desigualdade e poucas oportunidades para aqueles e aquelas que foram educados/as em épocas incertas e as certezas, que nos apresentavam, eram evidentemente desfavoráveis.

Neste trabalho faço a exposição do meu Memorial Reflexivo, dando luz à minha história pessoal e, de forma textual, busquei contar minhas origens, minha trajetória e os desafios formativos e educacionais que superei, para chegar ao ponto em que me encontro hoje.

Este trabalho, tem como tema central o corpo, o gênero e a sexualidade. O gênero é a condição social através da qual nos identificamos como masculinos e femininos, é algo construído, histórica, cultural e socialmente. Envolve concepções e marcas que vão sendo inseridas no sujeito a partir daquilo que se identifica como masculino e feminino, e qualquer conceito que vá contra a esta concepção que foi e tem sido estabelecida pela sociedade, é vista e tratada com discriminação e exclusão. Anúncios, revistas, livros, propagandas e a televisão, influenciam os indivíduos a agirem da maneira que as normas sociais exigem que estes se apresentem, mostrando o corpo, os comportamentos, a forma atraente, elegante e bonita que representam o masculino e o feminino.

Apesar da modernização e de todos os avanços ocorridos na sociedade, ainda existe muita discriminação, desigualdade de gênero e a homofobia. A sexualidade ainda é apresentada como grande tabu, ou problema em nossa cultura, porém, é necessário falar sobre este conceito pois o desconhecimento dele, ajuda a perpetuar o sofrimento vivido por milhares de pessoas todos os dias, em casa, na rua, nas escolas, no trabalho e etc.

2. Memórias e trajetória de vida pessoal, educação e profissional

Esta parte do memorial está dividida em seis partes: trajetória de vida, família, escola, vida profissional e o curso de pedagogia EaD.

2.1 Família

Nordestina, nascida em São Luís-MA, sou de uma família humilde composta por 7 pessoas: meu pai, minha mãe e minhas 4 irmãs. Desde sempre minhas irmãs e eu estudamos em escola pública. Meus pais não tinham muito tempo para me ensinar as tarefas de casa, pois ficavam responsáveis por trabalhar fora de casa. Foram as minhas irmãs mais velhas que ficaram responsáveis em me auxiliar na realização das tarefas escolares. E todas nós tínhamos responsabilidades pelos afazeres e cuidados com a casa.

Cresci em um ambiente conservador. Meus pais não conversavam sobre sexualidade conosco, visto que, esse era um assunto para adultos. Qualquer criança, adolescente ou jovem que tocasse no assunto, era repreendido e, às vezes, até castigado fisicamente. Qualquer conhecimento, que adquiríamos, era por meio da educação escolar e não compartilhávamos esse conhecimento, pra não sermos vistos como pessoas atrevidas e audaciosas.

Em situações em que a criança se tocava descobrindo as partes do seu corpo, especialmente as partes íntimas, ela era, caso surpreendida nelas, imediatamente repreendida por um adulto, pois essa atitude era vista como imoral. As crianças, muitas vezes, cresciam sem saber como se relacionar com seu corpo ou mesmo com a sua sexualidade e com a ideia de que seu corpo era objeto de vergonha e constrangimento. De acordo com Moruzzi (2012, p. 439) “As reformas morais e religiosas dos séculos XVI e XVII foram pontos de virada no que diz respeito à moralização do corpo da criança a partir de ações que mobilizaram os sentimentos de vergonha e de pudor sobre seus gestos afetivos ou sexuais”.

No período medieval, a criança, desde pequena, era misturada aos adultos, não havia qualquer sentimento de infância, pois eram vistas como um adulto em miniatura. As crianças que nasciam com má formação, eram afogadas ou abandonadas. O aborto, a morte e abandono de crianças eram comportamentos comuns nessa época. A partir do século XVII a igreja católica passou a imputar de bruxaria, quem matasse crianças. Sendo assim, a criança passou a ser vista como um ser mediador entre o céu e a terra, alguém que precisa ser amada, educada e respeitada.

Então, os pais passaram a se preocuparem com a saúde e a educação das crianças. Essas mudanças acabaram influenciando no papel da criança e da família na sociedade, a partir daí, surge então o sentimento de infância definido como moralização, manifestado através da preocupação moral e da particularidade infantil.

Esse sentimento de moralização difundido pela Igreja Católica, foi repassado de geração em geração nas sociedades ocidentais. E isso alcançou, obviamente, a minha família. A minha mãe cresceu com o pensamento de que o corpo da mulher é um “templo sagrado” e não podia ser tocado a não ser após o casamento, quando marido e mulher poderiam procriar. Então, qualquer atitude que tínhamos em tocar o nosso corpo no sentido de conhecê-lo era vista como algo imoral.

Na adolescência, minhas irmãs e eu tínhamos o costume de tomar banho e corrermos nuas para dentro de casa (nessa época o banheiro era construído fora da casa). Em uma dessas situações, lembro que nossa mãe nos disse para não procedermos mais daquela forma; era preciso evitarmos que nosso pai nos visse daquele jeito - nuas, pois os homens são como animais, não pensam antes de agir. Não que meu pai tivesse tentado ou realizado algo, mas acredito que essa era uma forma de ela nos falar, mesmo que de forma indireta, sobre sexualidade, sobre masculinidade e sobre a violência contra mulheres.

Analisando a forma como minha mãe nos ensinava sobre a maneira de agir do homem, acredito que ela achava que os desejos sexuais do homem eram algo instintivo, da natureza do homem, pois ao ver uma mulher nua, sentiam-se atraídos e com desejo de fazer sexo. Com certeza esses pensamentos, eram ensinamentos que a minha avó e outras mulheres passou a ela e ela por sua vez passou para minhas irmãs e eu. Minha mãe sempre foi muito religiosa, católica praticante. Ela seguia à risca os preceitos da igreja, sendo assim suas atitudes maternas para nos educar, eram norteadas pela sua crença religiosa.

2.1.1 Escola

Quando adolescentes, acontecem as alterações hormonais em nosso organismo. O corpo começa a mudar, os seios começam a crescer, os pelos pubianos vão aparecendo, o formato da cintura e dos quadris vão mudando, chega à menstruação – a maioria de nós que somos identificadas como do sexo feminino ao nascimento. Na escola, a partir da 5ª série, comecei a aprender mais sobre o meu corpo. Aprendi que a mulher vivencia alguns períodos durante o mês: o período da ovulação (período fértil), o período menstrual; a relação sexual entre um homem e uma mulher, sobre as genitálias femininas e masculinas, etc. Conteúdos que

ensinavam apenas coisas caracterizadas de homem e de mulher. O aprendizado na escola foi bem limitado, devido aos conteúdos programados pelo sistema educacional, mas ainda assim, essas informações eram as únicas que recebi até aquele momento. E esse conhecimento eu guardava, por medo de ser desrespeitosa e na maioria das vezes eu via a escola como uma vilã, pois ela estava ensinando aquilo que meus pais e os adultos nos repreendiam de saber quando crianças. De acordo com BERALDO (2003, p. 103),

[...] é fundamental refletir acerca da importância da Orientação Sexual na Escola para a construção da cidadania, de uma sociedade livre de falso moralismo e mais feliz. O trabalho de Orientação Sexual tem como objetivo principal as mudanças nos padrões de comportamento, levando-se em conta três aspectos fundamentais: a transmissão de informações de maneira verdadeira; a eliminação do preconceito e a atuação na área afetivo-emocional.

O tema Orientação Sexual deveria ser trabalhado com mais normalidade e clareza nas escolas, para que os/as alunos/as compreendam que o ser humano é livre para fazer suas escolhas, escolher aquilo que o faça sentir feliz e bem e não serem influenciados e moldados pelas concepções de uma sociedade preconceituosa e intolerante. O preconceito e a discriminação, em grande parte é construído na família e a escola como um instrumento manipulado pelos valores da sociedade, ao se eximir de tratar sobre o tema, fortifica essas concepções gerando intolerância e exclusão. Por isso a necessidade de se trabalhar abertamente esse tema nas escolas, no sentido de formar cidadãos mais tolerantes, com senso de respeito e aceitação.

Com 21 anos, me casei e nessa época a minha mãe ainda não se sentia à vontade para conversar comigo sobre sexualidade, lembro que as únicas instruções que ela me deu, foi sobre como ser uma boa esposa e dona do lar. Mesmo depois do casamento, minha mãe não conversava comigo sobre sexualidade, pois ela tinha muita dificuldade em falar sobre o assunto. Após o casamento, mudei para Jataí-GO e comecei uma nova vida ao lado do meu marido. Em 2007 engravidei e dei a luz à minha filha primogênita. Três meses após o nascimento da minha filha, minha mãe teve AVC e faleceu. A morte da minha mãe é algo que até hoje ainda não superei.

No meu relacionamento com a minha filha, dei continuidade aos ensinamentos que tive quando era criança. Mesmo com todo conhecimento que adquiri na escola quando adolescente e jovem, ainda assim permanecia com aquele pensamento conservador de que tocar no corpo para se conhecer, era um ato feio e imoral.

Em 2010, tive meu segundo filho e a forma de educar continuou a mesma. Eu não encontrava liberdade em mim mesma para falar com meus filhos sobre sexualidade, tinha vergonha e achava que estava quebrando regras e sendo maldosa. Lhes dava amor, atenção, carinho e conversávamos sobre qualquer coisa, mas se o assunto era sexualidade, automaticamente eu os repreendia. Já meu marido sempre foi mais aberto para conversar sobre o assunto com nossos filhos e eu, às vezes, ainda o repreendia por ter essa atitude.

Meu marido tem mais liberdade para conversar com nossos filhos sobre sexo e sexualidade, porque sua mãe sempre teve esse tipo de diálogo com ele. Ela precisou assumir o papel de mãe e pai, uma vez que o pai do meu marido os abandonou assim que ele nasceu. Então ela carregou a responsabilidade de educá-lo e ensiná-lo de maneira clara e aberta. Desse modo, meu marido se tornou um indivíduo aberto e com facilidade para tratar do tema sexualidade com nossos filhos.

É fundamental que o conhecimento sobre sexualidade comece dentro da própria família. Desde o início da formação do indivíduo, os pais devem conversar com os/as filhos/as sobre esse assunto, para que estes possam compreender que todos somos livres para escolher aquilo que vai nos fazer feliz, independentemente de qualquer coisa. E principalmente, que devemos ser tolerantes e respeitar as experiências das vivências sexuais e de gênero de cada pessoa, desde que estas não produzam violência sobre os corpos de outra pessoa.

2.1.2 Vida profissional

Em 2016, comecei a trabalhar como professora da Educação Infantil, pois sou formada no curso de Magistério (curso que minha saudosa mãe me presenteou). Comecei a trabalhar em uma escolinha particular. Atuando na educação infantil, compreendi que meus conhecimentos e meu jeito conservador de agir, não iam ser uteis no processo de ensino/aprendizagem daquelas crianças, pois as crianças da atualidade são muito mais informadas e curiosas, devido a disponibilidade da tecnologia e o acesso à internet.

Foi quando percebi a necessidade de uma formação adequada que possibilitasse ter uma visão mais ampla e atualizada sobre o universo infantil, assim como sobre o desenvolvimento da criança e, principalmente, como eu professora de crianças, poderia atuar corretamente. De acordo com Kramer (1994, p. 6), “a Educação Infantil fundamenta-se no binômio educar/cuidar e conseqüentemente, a formação de seus profissionais também deve pautar-se nele. O cuidar e o educar são ações indissociáveis no processo educacional da criança pequena e esta especificidade exige uma formação diferenciada...”.

Trabalhar com Educação Infantil, exige do/a professor/a uma formação diferenciada; é imprescindível que ele/a seja capaz de entender que cada criança possui sua particularidade, costumes hábitos e comportamentos bem diferentes umas das outras. Diante desse fato, é importante olhar as e para as crianças e entender que sua singularidade tem muito a ver com suas experiências do cotidiano, da sua vida em sociedade e que essas experiências podem contribuir na construção de sua identidade.

Em 4 anos de experiência com Educação Infantil, meus alunos nunca me perguntaram sobre sexualidade, mas algumas crianças mostravam ter pensamentos e atitudes que separavam coisas “próprias de meninas” e coisas “próprias de meninos”, ou seja, já vinham com um conceito formado, diferenciando e separando as coisas, brinquedos e brincadeiras de acordo com as normas impostas socialmente sobre o gênero. Essas situações aconteciam principalmente na hora do recreio, quando alguns meninos não deixavam as meninas brincar com eles, porque segundo eles, meninas não podiam brincar com meninos. Então eu passei a realizar algumas brincadeiras (vivo/morto, esconde-esconde, coelho sai da toca e etc.) com eles/elas, onde todos/as podiam brincar juntos/as. Após o recreio, eu fazia uma roda de conversa para que cada um falasse sobre o que achou da brincadeira e aproveitava para falar que tanto menino quanto menina, podem brincar juntos na mesma brincadeira, pois fica mais divertido e assim, não excluimos ninguém da diversão.

Depois de um tempo a forma de brincar e de agir das crianças mudaram, eles/elas passaram a se organizar por conta própria na área de recreação da escola, e começavam as brincadeiras todos juntos, assim como os temas abordados nas rodas de conversas também mudaram, passamos a falar sobre o quão divertido tinha sido as brincadeiras e já planejávamos as brincadeiras para o próximo dia.

O conhecimento acadêmico e os conhecimentos adquiridos através da experiência, ajudam o/a professor/a em seu processo de ensino, pois ao conhecer a experiência de vida de cada criança e ao entender que seu/a aluno/a desempenha um papel ativo no processo de ensino/aprendizagem, ele/a poderá elaborar planejamentos com metodologias que melhor ajudem a criança a se desenvolver. Essas experiências, conhecimentos e ideias trazidas por cada criança servirão de norteamento para o planejamento do ensino, pois é fundamental entender como ocorre o processo de aprendizagem da criança, para desenvolver uma prática pedagógica eficiente e que contribua, verdadeiramente, para a formação de um ser humano justo, não violento e solidário.

2.1.3 O curso de pedagogia EaD

Decidi cursar Pedagogia, então passei a ficar atenta a oportunidade de prestar vestibular em uma **universidade** pública. **Em julho de ???**, meu marido pesquisando na internet, viu que a UFU abria vagas para o curso de Pedagogia à Distância. **Fui inscrita no processo e fiz a prova do vestibular em outubro do mesmo ano.** Um ponto importante que gostaria de registrar é que, depois da minha mãe, meu marido sempre foi meu maior apoiador. Ele sempre me incentivou a buscar por formação, foi ele quem fez minha inscrição no vestibular da UFU.

No decorrer do curso de Pedagogia, fui adquirindo conhecimentos importantes para a melhoria do processo de aprendizagem dos meus alunos e descobrindo qual é o meu papel dentro desse processo. Aprendi que cada criança tem sua particularidade e forma de aprender. O conteúdo a ser trabalhado, deve ser adequado a seu nível de desenvolvimento, correspondendo à sua percepção e a forma de assimilar o conhecimento. É importante que o/a professor/a compreenda as necessidades, as individualidades e o desenvolvimento de cada aluno para que trabalhe o processo de ensino e aprendizagem de maneira adequada.

O/a pedagogo/a é um/a mediador/a e facilitador/a no processo de aprendizagem do indivíduo, ele/a articula aspectos importantes e indispensáveis ao desenvolvimento do sujeito. Esses aspectos são saberes necessários ao desempenho pedagógico, pois ele/a torna-se um profissional autêntico no desempenho de suas funções, pela construção de uma prática pedagógica que será o canal de transmissão do conhecimento ao aluno. Para a construção da prática pedagógica é essencial possuir alguns saberes, tais como: saber institucional, saber acadêmico e o saber da experiência.

O saber institucional é o conhecimento transmitido pelas instituições de ensino, um conjunto de conhecimentos pedagógicos de fundamental importância na prática escolar. O saber acadêmico compreende a formação do indivíduo, é a parte teórica que envolve o conhecimento científico. E o saber da experiência profissional, adquirido através da prática efetiva e da experiência com colegas de trabalho, ou seja, o saber obtido por meio da vivência escolar.

Os quatro anos de realização do Curso de Pedagogia não foram fáceis para mim. Conciliar trabalho, família e o curso, exigiu de mim, muita organização e planejamento, pois o tempo que eu tinha disponível e a demanda das atividades do curso não eram compatíveis. Tive que abrir mão dos fins de semana de lazer com minha família para me dedicar mais aos estudos.

A cada novo bloco de disciplinas que iniciava, surgia dentro de mim as mesmas perguntas: será que eu vou conseguir entregar as atividades dentro do prazo? Será que eu vou pegar dependência em alguma disciplina? E o desespero tomava conta de mim. Entretanto, logo que eu iniciava os estudos, via que tudo ia dar certo, que mesmo com tão pouco tempo, eu conseguiria obter conhecimentos para desenvolver minhas atividades e entregá-las no tempo certo.

2.2 Diversidade de gênero e sexualidade no ambiente escolar

Em nossa sociedade há uma intenção explícita (ou não) de tentar normatizar o gênero para um padrão meramente binário, dicotômico ou dualizado onde há apenas o cidadão homem e a cidadã mulher. Quando tratamos, também, do aspecto da sexualidade observamos que parte da sociedade, que se diz conservadora e tradicional, tenta impor apenas um modelo de relação considerado como normal e aceitável, o heterossexual. A base desse pensamento, em muitas situações, vem de um contexto histórico-cultural baseado em doutrinas ou textos religiosos que, escritos num passado regado por preconceitos e comportamentos excludentes, pregavam esses padrões como leis inquebráveis e inegociáveis.

Essa tentativa de padronizar as diversidades, sexual e de gênero, gera um problema gigantesco, que vai desde a exclusão até a intolerância e o ódio que pode ser ou não agregada/o a violência contra quem “ousar” ser diferente. Apesar de termos alguns avanços sociais, que buscam promover maior acolhimento à diversidade de gênero e da sexualidade, a maior parte da sociedade ainda é preconceituosa e discriminatória com homossexuais, travestis e lésbicas, explicitamente tratados/as como criaturas que podem ser exterminadas da sociedade.

No ambiente escolar, observo que existem situações em que há discriminação e preconceito, quando o assunto é a diversidade de gênero. Mesmo estando no século XXI, e mesmo com diversos trabalhos e pesquisas relacionados a diversidade sexual e de gênero, ainda existe muita resistência em torno desses temas. Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), ao tratar sobre Pluralidade Cultural e Orientação Sexual, por exemplo, temos que:

A discussão sobre as relações de gênero tem como objetivo combater relações autoritárias, questionar a rigidez dos padrões de conduta estabelecidos para homens e mulheres e apontar para sua transformação. A flexibilização dos padrões visa permitir a expressão de potencialidades existentes em cada ser humano que são dificultadas pelos estereótipos de gênero. Como exemplo comum, pode-se lembrar a repressão das expressões de sensibilidade, intuição e meiguice nos meninos ou de objetividade e

agressividade nas meninas. As diferenças não devem ficar aprisionadas em padrões preestabelecidos, mas podem e devem ser vividas a partir da singularidade de cada um, apontando para a equidade entre os gêneros (BRASIL, 2000, p. 144).

Podemos nos deparar, sem surpresas, com a constatação de que a sexualidade e a feminilidade podem ser objetos de exclusão e objetificação, dependendo apenas da forma como a sociedade trata estas temáticas convenientemente de acordo com o momento ou com a finalidade que se quer utilizá-las. Ao usar o termo objetificação refiro-me à forma como o corpo e a imagem feminina são banalizados, a mulher torna-se valorizada pela beleza ou pelos contornos de seu corpo e não pela sua capacidade individual ou pela sua condição humana de poder desempenhar um papel de relevância para a sociedade através de outras formas de expressão que transcenda o aspecto físico, superficial e meramente visual de sua imagem. Há, historicamente nas sociedades, uma cultura de tratar a mulher apenas como dona de casa, esposa ou mãe e isso é um aspecto que corrobora para esta redução da magnitude feminina que busca fazer da mulher algo menor do que realmente ela representa como potencialidade humana.

O desenvolvimento da sociedade bem como o surgimento do entretenimento televisivo possibilitou uma exploração da imagem do corpo humano bem como o uso da sexualidade para fins lucrativos, permitindo que, de alguma forma, a erotização adentrasse nos lares das pessoas de forma descontrolada e sem desfaçatez. Com o desenvolvimento tecnológico podemos, então, ter acesso a dispositivos capazes de transmitir imagens a longas distâncias, podemos ter acesso cada vez mais a conteúdos em tempo real e cada vez mais ampliar nosso acesso às informações. Todo esse desenvolvimento, iniciado com a chegada dos aparelhos televisores até os nossos atuais canais de *streaming* como *Youtube* ou *Netflix*, por exemplo, possibilitaram uma exposição cada vez maior da figura humana através de telenovelas, séries, filmes ou comerciais e isso pôde, de várias formas, expor debates cada vez mais frequentes sobre a diversidade sexual e de gênero, acerca da imagem feminina e os impactos dessa exposição na sociedade tradicional bem como proporcionar discussões que busquem desconstruir estes padrões e quebrar tabus que precisam ser vencidos no atual contexto em nossa sociedade moderna.

Considerações finais

Minha infância foi a fase mais linda e feliz da minha vida, embora tenha sido marcada pela presença de uma família conservadora e pela falta de diálogos importantes para meu crescimento pessoal. A escola teve um papel fundamental na minha adolescência, pois foi

quando pude conhecer um pouco mais sobre meu corpo e as mudanças geradas pelos hormônios.

Na vida adulta sofri os reflexos da educação conservadora, que recebi na minha infância, em que a criança não podia tocar seu corpo, nem obter conhecimento algum sobre sexualidade. Quando tive que educar meus filhos e meus/minhas alunos/alunas da Educação Infantil, percebi que era necessário obter novos conhecimentos específicos para educá-los. Buscar compreender, através do estudo de literaturas específicas e da experimentação de vivências sobre as temáticas Sexualidade e Gênero bem como estar aberta para incorporar, de forma gradual e sistematizada, estes conceitos na prática pedagógica e nas relações sociais é fundamental para que seja construída uma nova consciência, visando estar mais alinhada com os debates exigidos pela sociedade moderna.

O/a professor/a é parte importante no processo de formação do indivíduo. Ele/a motiva e orienta os/as alunos/as proporcionando aos/às mesmos/as o desenvolvimento de habilidades e capacidades cognitivas, além de ajudá-lo a desenvolver um pensamento crítico e participativo, tornando-se um cidadão ativo na sociedade. Segundo Gonzalez Rey (2001), um dos objetivos da educação não é simplesmente o de efetivar um saber na pessoa, mas seu desenvolvimento como sujeito capaz de atuar no processo em que aprende e de ser parte ativa dos processos de subjetivação associados à sua vida cotidiana.

As práticas educacionais trabalhadas no processo de aprendizagem, devem desenvolver a autonomia e independência do sujeito, levando em consideração, seus conhecimentos prévios, a realidade de seu cotidiano e o seu tempo de aprendizagem. Dessa forma o/a aluno/a poderá atuar de forma ativa, em seu processo de aprendizagem.

O curso de Pedagogia, foi de grande importância para o meu crescimento intelectual e principalmente na minha atuação como professora. A cada matéria estudada, construí novos saberes e desenvolvi habilidades fundamentais para a realização da minha prática pedagógica. As transformações, pelas quais passei, me possibilitaram evoluir e me colocaram num outro estágio onde me sinto mais aberta e preparada para debater, assimilar e trabalhar mais tranquilamente sobre assuntos que antes eu considerava difíceis de falar sobre ou aceitar. Essa condição humana de poder aprender, se readaptar e transforma-se em algo novo, diferente ou evoluído é surpreendente. Cada pessoa tem a capacidade de poder mudar de opinião ou aprender a debater aquilo que é “diferente” sem preconceitos, essa condição é natural ao ser humano e devemos cada vez mais trabalhar isso em nossas relações sociais cotidianas.

As formas tradicional e conservadora, com a qual fui permeada em minha infância e juventude, hoje já não têm o mesmo impacto sobre minha vida e isso se deve ao meu processo

de evolução, construído desde meu matrimônio (onde meu esposo teve fundamental importância nesse processo) até minhas relações construídas no âmbito acadêmico do curso pedagogia e as relações sociais cotidianas como amizades e trabalho. Estar aberta a romper com tabus tradicionais é necessário para qualquer pessoa, principalmente para profissionais da educação. A pedagogia, bem como qualquer área da educação, exige-nos estar preparados para os desafios da sociedade moderna e isso vai na direção da inclusão, da aceitação e da disposição em debater temas dos mais variados que podem ser desde as questões de Corpo Sexualidade e Gênero até questões sobre políticas sociais dos mais variados temas.

REFERÊNCIAS

BERALDO, Flávia Nunes de Moraes. **Sexualidade e escola: espaço de intervenção**. Psicologia escolar e educacional, v. 7, p. 103-104, 2003.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural e orientação sexual / Secretaria de Educação Fundamental**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

CÉSAR, M. R. de A. Gênero, sexualidade e educação: notas para uma “Epistemologia”. **Educar, Curitiba**, n. 35, p. 37-51, 2009. Editora UFPR. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-40602009000300004>>. Acessado em 26 ago. 2021.

KRAMER, Sonia. Currículo de Educação Infantil e a Formação dos Profissionais de Creche e Pré-escola: questões teóricas e polêmicas. In: MEC/SEF/COEDI. **Por uma política de formação do profissional de Educação Infantil**. Brasília-DF. p. 16-31, 1994.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas as tensões teórico-metodológicas. **Educação em Revista**. Belo Horizonte: dez. 2007. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5331161/mod_resource/content/1/G%C3%Aanero%20e%20educa%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acessado em 25 ago. 2021.

MORUZZI, Andrea Braga. **A pedagogização do sexo das crianças: do corpo ao dispositivo da infância**. 2012. 198f. Tese (Doutorado em Educação), Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, UFSCar, 2012.

NOGUEIRA, Daniela Macias. *Gênero e sexualidade na educação*. **Anais do I Simpósio sobre Estudos de Gênero e Políticas Públicas**, ISSN 2177-8248. Universidade Estadual de Londrina, 24 e 25 de junho de 2010. Disponível em: <<http://www.uel.br/eventos/gpp/pages/arquivos/2.DanielaNogueira.pdf>> Acessado em 23 ago. 2021.

REY, Fernando Luis González. **A pesquisa e o tema da subjetividade em educação**. Psicologia da Educação. Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da

Educação. ISSN 2175-3520, n. 13, 2001.